ATAQUE À PONTE DE KERCH: ORIGEM DE UMA NOVA EUROPA?

*Por Armando Rosa**



Imagem da Ponte de Kerch após o ataque. Foto: Vladyslav Vlasiuk/X (@vladvlas) Imagem com resolução ampliada e ruído reduzido por tratamento digital com IA. Nenhum elemento da cena foi adicionado, removido ou reposicionado.

A ataque à ponte de Kerch não é motivo de comemoração, mas o prenúncio de uma resposta russa que não se sabe qual será. Entre o prestígio de Moscou e a hesitação europeia, três cenários ameaçam transformar a Ucrânia no palco de uma guerra continental.

A EUFORIA DOS BELICISTAS

Há uma indisfarçável euforia entre os setores mais belicistas, tanto em Portugal como no resto da Europa, perante a destruição parcial da ponte de Kerch, na Crimeia, especificamente seu componente rodoviário. Uma satisfação que parece ignorar as possíveis consequências de uma operação desta natureza e, sobretudo, a previsível dimensão da resposta russa.

É difícil compreender como se pode celebrar um episódio desta gravidade sem ponderar o que poderá vir a seguir. A Rússia, com o seu orgulho nacional e militar atingido, dificilmente deixará passar este acontecimento sem uma resposta de grande

envergadura. E essa resposta poderá ser desproporcional e devastadora para uma Ucrânia cuja situação económica, social e militar é já extremamente frágil.

Estarão estes entusiastas da confrontação conscientes de que a Rússia dispõe ainda de um vasto arsenal de armamento convencional de enorme capacidade destrutiva, que não utilizou nesta guerra? Não me refiro, naturalmente, à utilização de armas nucleares, mas a sistemas de armamento convencional, táticos e estratégicos, cujo poder destrutivo pode atingir níveis comparáveis aos de uma arma nuclear tática, sem, contudo, produzir os seus efeitos radioativos.

KERCH: MAIS DO QUE UMA PONTE, UMA QUESTÃO DE PRESTÍGIO

O ataque à ponte de Kerch tem, sem dúvida, um significado político e estratégico relevante para Moscou. Não tanto pela sua importância logística, uma vez que existe já uma ligação ferroviária terrestre entre a Rússia e a Crimeia, construída depois de 2022, mas sobretudo pelo seu valor simbólico.

A ponte representa muito mais do que uma infraestrutura rodoviária e ferroviária: é um símbolo da presença russa na Crimeia e uma obra emblemática do próprio regime de Vladimir Putin. A sua destruição parcial constitui, por isso, uma humilhação política e militar que o Kremlin dificilmente poderá ignorar.

Putin enfrenta, assim, um problema que ultrapassa a dimensão estritamente militar. A opinião pública russa dificilmente compreenderia que um ataque desta natureza, dirigido a um dos símbolos mais importantes da presença russa na Crimeia, não tivesse uma resposta considerada eficaz e suficientemente contundente.

A questão já não é, portanto, se haverá uma resposta russa, mas qual será a sua dimensão e, sobretudo, que consequências poderá desencadear.

O VERDADEIRO PROBLEMA: O QUE FARÁ A EUROPA?

É aqui que se coloca a questão fundamental para o futuro do conflito e, eventualmente, para o próprio futuro da Europa: qual será a reação europeia e da OTAN perante uma provável derrota militar ucraniana ou uma eventual capitulação de Kiev?

Estamos diante de três cenários possíveis, todos eles com consequências profundas.

Primeiro cenário – uma solução política interna na Ucrânia: A Ucrânia poderá optar por uma mudança de liderança, afastando Zelensky e promovendo um novo enquadramento político, eventualmente através de um governo de transição e da realização de eleições. Uma solução que poderia abrir caminho a negociações e a uma redefinição das condições para o fim da guerra.

Segundo cenário – uma solução diplomática e uma nova configuração territorial da Europa: A Europa e a OTAN poderão optar por não intervir militarmente de forma direta, aceitando que o conflito seja resolvido através de negociações diplomáticas. Nesse contexto, poderá surgir uma nova configuração geopolítica europeia, com alterações territoriais que inevitavelmente terão que considerar os interesses russos e as reivindicações históricas de alguns países da região.

A Polônia e a Hungria, por exemplo, têm referências históricas e reivindicações territoriais que poderão voltar a ganhar relevância em um eventual processo de redefinição das fronteiras. Não significa que tais alterações sejam inevitáveis ou sequer aceitáveis, mas a possibilidade de uma nova arquitetura territorial europeia não pode ser simplesmente descartada.

Terceiro cenário – intervenção militar direta da OTAN: Este será, provavelmente, o cenário mais perigoso de todos. Diante de uma derrota ucraniana, os países europeus poderão se sentir tentados a intervir diretamente no conflito, utilizando os meios militares disponíveis, com ou sem o apoio logístico e operacional dos Estados Unidos.

Uma decisão desta natureza significaria uma alteração radical da natureza da guerra: deixaríamos de estar diante de um conflito entre a Rússia e a Ucrânia, apoiada pelo Ocidente, para enfrentar um confronto militar direto entre a Rússia e a OTAN.

E, a partir daí, quem poderá garantir que a escalada não conduzirá à utilização de armamento nuclear? A Rússia dispõe de um arsenal nuclear que constitui uma ameaça existencial para qualquer país europeu. Uma guerra regional alargada poderia, num cenário extremo, transformar-se em uma catástrofe de dimensões inimagináveis.

UMA NOVA EUROPA OU A SUA DESTRUIÇÃO?

É precisamente neste contexto que importa questionar a aparente leviandade com que alguns responsáveis políticos e setores da opinião pública europeia encaram a escalada militar.

A guerra não é vencida com manifestações de entusiasmo perante a destruição de infraestruturas, nem com declarações inflamadas de apoio a novas operações militares. Ganha-se, ou se termina, com decisões políticas responsáveis, com realismo estratégico e, sobretudo, com a consciência dos riscos que se impõem às populações.

A Europa está diante de uma encruzilhada histórica. Pode insistir em uma escalada militar cujas consequências ninguém consegue controlar, ou pode finalmente reconhecer que a solução para este conflito terá que passar por uma negociação política, por mais difícil e desagradável que ela possa ser.

O ataque à ponte de Kerch poderá constituir mais um ponto de virada nesta guerra. Mas a verdadeira questão não é saber quem destruiu uma ponte ou quem conseguiu uma vitória militar circunstancial.

A verdadeira questão é saber se os dirigentes europeus terão a lucidez necessária para evitar que a Ucrânia se transforme no palco de uma guerra muito maior, com consequências para todo o continente.

Porque uma nova Europa pode, de fato, nascer desta guerra. Convém não esquecer que, no pior cenário, ela poderia nascer das próprias ruínas da Europa que conhecemos hoje.

Publicado no Mais Ribatejo.

***Armando Rosa** é engenheiro eletromecânico formado pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (ISEL), com extensa experiência empresarial e permanentes atividades social e de cidadania. Militar interveniente na revolução que repôs a democracia em Portugal em 25 de abril de 1974, tem publicadas algumas das suas reflexões sobre política e geopolítica em mídias on-line portuguesas.*